

PROCESSO DE APRENDIZAGEM: UM ESTUDO COM JOVENS ESTUDANTES DE ENSINO MÉDIO DO MUNICÍPIO DE CONTENDAS DO SINCORÁ – BAHIA

Milena da Trindade Gomes¹

RESUMO: Este trabalho, resultado parcial de uma dissertação de Mestrado desenvolvida no âmbito da Facultad Interamericana de Ciencias Sociales, visa analisar o processo de aprendizagem de jovens alunos do Ensino Médio, tomando como base os estudos da Neurociência e algumas perspectivas educacionais. Para tanto, investigamos como esse processo se dá a partir de um estudo de caso com jovens alunos do Ensino Médio de um Colégio Estadual do município de Contendas do Sincorá, localizado no interior da Bahia. Os resultados mostraram que a forma como é conduzido o aprendizado na escola também se mostrou como sendo um dos fatores de desinteresse dos alunos pelo aprendizado escolar. A maioria dos alunos não possui o hábito de estudar, dificultando assim a efetivação da sua aprendizagem. Quando percebem que não estão aprendendo, e por isso não vêem suas vidas mudarem se sentem desmotivados a se empenharem na escola.

Palavras-chave: Aprendizagem. Ensino Médio. Jovens.

¹ Mestranda em Educação pela Facultad Interamericana de Ciencias Sociales. Asunción-PY. E-mail: milenatrindade190@outlook.com. Telefone: (77) 99199-5767.

INTRODUÇÃO

Para entendermos sobre o processo de aprendizagem buscaremos amparo nas descobertas da neurociência e nas contribuições que a neuropedagogia têm apresentado ao universo educacional.

Um dos campos de estudos da neurociência concentra-se em saber como funciona o cérebro no processo de aprendizagem. Esse conhecimento é importante na área da educação, pois pode contribuir para que as práticas pedagógicas sejam mais eficazes. Porém, precisamos estar atentos ao fato que outras áreas do conhecimento são necessárias para a construção do ambiente escolar. Segundo Stern apud Guerra:

A Neurociência por si só não pode fornecer o conhecimento específico necessário para a elaboração de ambientes de aprendizagens em áreas de conteúdo escolar específicas, particulares. Mas fornecendo insights sobre as capacidades e limitações do cérebro durante o processo de aprendizagem, a Neurociência pode ajudar a explicar porque alguns ambientes de aprendizagem funcionam e outros não (STERN, 2005, apud GUERRA, 2011, p. 4).

É preciso esclarecer sobre a neurociência não ter a intenção de solucionar os problemas educacionais e as dificuldades da aprendizagem com um novo método pedagógico. Porém, as estratégias pedagógicas consideram a forma como o cérebro funciona, e estas podem ser mais significativas, eficientes e adequadas para atuarem durante o processo de aprendizagem.

Segundo a neurocientista Houzel (2010), “Aprender é modificar o cérebro”. Ao fazer algo novo o cérebro se modifica de tal forma que da próxima vez ao ocorrer uma situação similar, ele buscará agir de acordo com a experiência vivida anteriormente.

Assim, a aprendizagem acontece quando o cérebro é usado, pois as conexões entre os neurônios mudam conforme o seu uso, algumas ficam mais fortes e outras mais fracas.

Possuímos cerca de 86 bilhões de neurônios. A atividade cerebral consiste justamente na troca de sinais entre eles. A comunicação entre esses neurônios é feita por meio de substâncias químicas, os neurotransmissores, e esse processo é conhecido como sinapses.

Considerando o que foi discutido acima, neste artigo, resultado de uma pesquisa de Mestrado, analisamos

1 O processo de processo de aprendizagem sob o *locus* da Neurociência

A aprendizagem consiste no fortalecimento das sinapses em uso. As sinapses que não são usadas ficam enfraquecidas. Esse processo de fortalecimento e enfraquecimento de sinapses esculpe o cérebro de acordo as experiências vivenciadas. Para Houzel:

[...] Característica própria do sistema nervoso: a capacidade de fazer novas combinações entre seus elementos, e de mudar a eficiência das conexões - as

sinapses - já existentes. Quando a eficiência aumenta, a conexão entre dois neurônios fica “fortalecida”; quando diminui, a conexão fica “enfraquecida”. Além do mais, nenhuma conexão é fixa; uma conexão enfraquecida demais pode ser eliminada, e uma nova pode ser feita em outro lugar, com outro neurônio. Fortalecer essas novas conexões, estabilizando-as, é uma maneira de criar novas associações. Os neurocientistas hoje estão convencidos de que é essa a base do aprendizado. Como sempre se pode tirar uma conexão daqui e criar outra ali, será sempre possível fazer mais uma combinação, mais uma associação entre neurônios, e aprender mais alguma coisa (HOUZEL, 2002, p.25).

A aprendizagem é contínua, pois apesar de algumas sinapses serem enfraquecidas, novas conexões entre neurônios continuam acontecendo o tempo todo. Esse processo de “fazer e desfazer” conexões entre neurônios é conhecido como neuroplasticidade (GUERRA, 2011).

A experiência fortalece os melhores caminhos sinápticos. Tudo isso, nos ajuda a entender o porquê muitas vezes não conseguimos aprender, o fato é sobre não exercitamos, ou repetimos o caminho suficientemente para que as sinapses sejam fortalecidas.

Dessa forma, o fortalecimento das sinapses se dá através da prática. É como se a pessoa tivesse um campo de possibilidades para ir de um ponto ao outro, nas primeiras incursões nesse percurso a pessoa vai ter dificuldades, mas à medida que ela passa pelo mesmo caminho várias vezes, este vai ficando cada vez mais demarcado. Depois de certo tempo não necessitará mais de tanto esforço para fazer o percurso de um ponto ao outro.

O cérebro humano possui duas formas de guardar as novas informações adquiridas. Uma é de curto prazo, o qual se perde com o tempo, pois, a informação foi utilizada em um contexto específico, sem a necessidade de fixação para uso futuro. E a outra é de longo prazo, acontece quando adquirimos um conhecimento, e ele é fixado na memória, ou seja, quando solicitado esse conhecimento está lá, não se desfaz com o tempo.

Isso acontece porque possuímos dois tipos de memória, a provisória e a permanente. Na memória provisória as informações são armazenadas por pouco tempo, é a mais fácil de acontecer, ou seja, uma experiência desse nível é quando precisamos gravar um número de telefone, o qual utilizaremos e não precisaremos posteriormente, então em pouco tempo esqueceremos.

A memória permanente é o inverso, mais difícil de ser acessada, porém quando se usa o mecanismo correto para podermos guardar as informações nela, essas informações ficam armazenadas por tempo indeterminado. Ao andarmos de bicicleta, o aprendizado é permanente, podemos ficar bastante tempo sem praticar, mas quando o fazemos novamente nós sabemos.

Segundo Piazzini, isso acontece porque temos duas estruturas em nosso cérebro:

No miolo temos o chamado sistema límbico, cheio de estruturas complexas (tálamo, hipotálamo, amígdala etc.), nas quais se destaca uma, denominada

hipocampo, muito importante para a memória de CURTO PRAZO. Envolvendo esse miolo, como se fosse a casca de uma árvore (em latim, *córtex*), temos a parte mais “nobre” do cérebro, fundamentalmente na memória de LONGO PRAZO (PIAZZI, 2008, p.31).

Assim, o sistema límbico faz o papel da memória provisória, ou seja, ele armazena em nosso cérebro informações que não permanecerão por muito tempo. Já o córtex é responsável por armazenar as informações em longo prazo, tais como: andar, falar, comer.

A aprendizagem concreta é aquela que consegue guardar um novo conhecimento na memória permanente. Sabendo disso, buscamos respostas para algumas questões pertinentes ao ato de aprender e sua relação com a escola. Como fazer para conseguirmos armazenar o novo conhecimento na memória de longo prazo, ou seja, O que fazer para aprender de verdade? Quando e o Quanto devemos estudar?

[...] um dado neurônio pode se interligar com centenas, milhares de outros.
[...] essa rede sináptica não é estática. Mesmo depois de quase totalmente estruturada em termos de “fiação”, ou seja, quem está ligado a quem, ela é alterada DIARIAMENTE pela mudança da “força” das sinapses (PIAZZI, 2009, p. 89-90).

São essas mudanças, as quais acontecem no cérebro diariamente e nos permite aprender. Por isso, precisamos aproveitar melhor esse “ciclo de aprendizagem circadiano” (PIAZZI, 2009, p. 90). Para aumentarmos o nível de cognição diante do processo de aprendizagem.

Segundo Herculano-Houzel (2010), alguns fatores contribuem para o aprendizado, são eles: a atenção, prática e estímulo. A neurocientista afirma ser a “grande porta de entrada do aprendizado é atenção”, e somente conseguimos prestar atenção em uma coisa de cada vez, mesmo quando acreditamos estar prestando atenção em várias coisas, o que acontece na verdade é a alternância rápida da atenção entre uma ou outra coisa.

A atenção é importante função mental para a aprendizagem, pois nos permite selecionar, num determinado momento, o estímulo mais relevante e significativo dentre vários. Ela é mobilizada pelo que é muito novo e pelos padrões, (esquemas mentais), que já temos em nossos arquivos cerebrais. Daí a importância da aprendizagem contextualizada (GUERRA, 2011. p. 6).

Isto posto, é evidente a importância da atenção para o aprendizado, pois é por meio dela que o conhecimento é internalizado pelo indivíduo. Não é possível entender, muito menos aprender algo que não tenha sido motivo de atenção.

Além da atenção, outro aspecto importante para consolidar a aprendizagem é a prática.
Para Guerra:

Se as informações/experiências forem repetidas, a atividade mais frequente dos neurônios relacionados a elas, resultará em neuroplasticidade e produzirá

sinapses mais consolidadas. Esse conjunto de neurônios associados numa rede é o substrato biológico da memória. Os registros transitórios - memória operacional - serão transformados em registros mais definitivos - memória de longa duração (GUERRA, 2011.p. 6).

Em consonância com a prática é importante que no processo de aprendizagem as pessoas tenham acesso a oportunidades. Pois, somente assim, será possível a aquisição de novos conhecimentos. Uma pessoa só aprende a tocar um violino, por meio da experiência, se ela tiver contato com esse instrumento.

O estímulo é outro fator relevante para o aprendizado, pois é por meio deste que o indivíduo se expõe às novas experiências. Para Houzel:

Há muito tempo não se acredita mais que o cérebro nasça “vazio” como a famosa tabula rasa e vá sendo montado aos pouquinhos, de acordo com os estímulos que recebe. Não que os estímulos não sejam importantes. Muito pelo contrário: centenas de artigos científicos já demonstraram como a estimulação normal e variada dos sentidos é importante para o desenvolvimento normal do cérebro. Na verdade, os estímulos são tão importantes para modelar o cérebro que, muito antes de os sentidos começarem a funcionar, o cérebro dá seu jeitinho de já ir se entretendo: falando sozinho (HOUZEL, 2002, p.46).

Abordamos alguns fatores, os quais contribuem com a aprendizagem, e esta aconteça de forma concreta: a atenção, a prática e o estímulo. Mas, outros fatores também influenciam a aprendizagem e são apresentados por Guerra. De acordo com o autor:

Aprendizes privados de material escolar adequado, de ambiente para estudo em casa, de acesso a livros e jornais, de incentivo ou estímulo dos pais e/ou dos professores, e pouco expostos a experiências sensoriais, perceptuais, motoras, motivacionais e emocionais essenciais ao funcionamento e reorganização do SN², podem ter dificuldades para a aprendizagem, embora não sejam portadores de alterações cerebrais (GUERRA, 2011.p. 7).

É evidente, o quanto mais rico de possibilidades for o ambiente em que o indivíduo está inserido, quanto mais motivado e incentivado ele for, maiores serão suas oportunidades de aprendizado.

Considerando a aquisição do conhecimento a partir da rotina da escola, em que há um “ciclo de aquisição de conhecimento e consequente incremento do nível de inteligência têm três fases: ENTENDER, APRENDER e FIXAR” (PIAZZI, 2009, p. 90).

Segundo o autor, a primeira fase para a aquisição do conhecimento baseia-se em entender o conteúdo a ser aprendido. Ela acontece na escola durante a aula, e nesse momento,

² SN- Sistema Nervoso. Grifo de nossa autoria.

o aluno deve ser motivado e questionado, é quando deve haver a conexão entre o que ele já sabe e o novo conteúdo apresentado.

A segunda fase é a de aprender o conteúdo ministrado na aula, isso só acontece quando o aluno estuda sozinho:

Quando ele estiver SOZINHO, ele começa (ou deveria começar) a ESTUDAR. Nesse momento, se a aula da qual ele participou foi planejada de forma inteligente, ele terá uma TAREFA a ser executada. Durante a execução dessa tarefa, ele está preparando os caminhos para transformar “informação” (retida em curto prazo) em “conhecimento” (PIAZZI, 2009, p.92).

Assim, a segunda fase está diretamente ligada à primeira, pois nas aulas os alunos entendem o conteúdo, mas é estudando sozinho, logo após a aula, e fazendo a tarefa é que ele transforma a informação em conhecimento.

Esse momento é fundamental para que a aprendizagem aconteça, pois, ao realizar a tarefa o aluno estará fortalecendo as novas conexões, ele estará avisando para seu cérebro que aquele conteúdo é importante e precisa ser armazenado na memória de longo prazo.

Esse estudo solitário precisa acontecer logo após a aula, antes que se passe uma noite de sono, pois quando dormimos a aprendizagem se consolidada, essa é a última fase da aprendizagem, a fixação.

Durante o sono profundo é como se desligássemos o computador central, e iniciarmos a fazer a manutenção.

As redes neurais que foram envolvidas na aula (e, principalmente, na execução da tarefa) passam agora por um treinamento de maneira a alterar, de uma forma muito mais complicada do que possamos entender ou até imaginar, a quantidade de neurotransmissores que passam por suas sinapses (PIAZZI, 2009, p.93).

O ciclo entender-aprender-fixar acontece durante o dia, se for executado de forma correta. Nesse sentido, diferentemente dos postulados, à noite não dormimos para descansar, “dormimos para reestruturar nossas redes sinápticas” (PIAZZI, 2009, p.93).

Destarte, para aprendermos de verdade precisamos considerar que esse processo acontece de forma satisfatória quando o novo conhecimento é exercitado, ou seja, a prática permitirá o fortalecimento das novas sinapses, e ela transformará memória curta em memória permanente.

A consolidação das memórias ocorre, pouco a pouco, a cada período de sono, quando as condições químicas cerebrais são propícias à neuroplasticidade. Enquanto dormimos, o cérebro reorganiza suas sinapses, elimina aquelas em desuso e fortalece as importantes para comportamentos do cotidiano do indivíduo. Dormir pouco, dificulta a memorização. Para aprender, precisamos estar despertos e atentos para absorver a experiência sensorial, perceptual e

significativa, mas necessitamos do sono para que essas experiências sejam memorizadas e, portanto, apreendidas (GUERRA, 2011.p. 6).

Desta forma, além de assistir a aula para entender o conteúdo, o aluno deve estudar sozinho, antes da noite de sono, pois é quando se está dormindo que o cérebro se reorganiza, memorizando ou não as novas informações.

O cérebro humano é fantástico, e apesar da exposição a vários conhecimentos e a sua prática, a aprendizagem não acontece de forma arbitrária.

O nosso cérebro é o resultado de milhões de anos de evolução, é óbvio que ele tem mecanismos de proteção que impedem mudanças demasiadamente drásticas. Isso significa que a quantidade de reconfiguração possível de ser executada toda noite é LIMITADA. Consequentemente, o ritmo adequado de estudo é o de se ESTUDAR POUCO, mas... TODO DIA (PIAZZI, 2009, p.94).

Nesta perspectiva, devemos estudar pouco, mas todos os dias, antes de se dormir a noite, pois, é nesse período que a aprendizagem se consolida. E precisamos estudar todos os dias, no sentido de não se perder nenhum dia a chance de aprender algo novo, pois, o ciclo de aprendizagem é circadiano e limitado.

2 Escola e aprendizagem

Diante do exposto no tópico anterior, precisamos refletir como a aprendizagem vem sendo conduzida pelas escolas brasileiras, e se ela está conseguindo promover o desenvolvimento dos educandos.

Algumas avaliações acontecem a cada três anos e contempla as três áreas do conhecimento: Ciências, Matemática e Leitura. No Brasil as avaliações são realizadas pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP).

Os resultados dos desempenhos dos alunos em 2015 continuam sendo baixo:

O desempenho dos alunos no Brasil está abaixo da média dos alunos em países da OCDE em ciências (401 pontos, comparados à média de 493 pontos), em leitura (407 pontos, comparados à média de 493 pontos) e em matemática (377 pontos, comparados à média de 490 pontos) (INEP, 2016).

Tudo isso acontece por diversos motivos, os quais já discutimos anteriormente quando abordamos sobre os desafios do Ensino Médio. Escolas que não possuem estruturas físicas adequadas, as quais não conseguem oferecer uma educação de qualidade são alguns desses desafios.

Além dessas dificuldades enfrentadas pelas escolas brasileiras, o que também prejudica a escola no cumprimento do seu papel de favorecer o desempenho dos educandos, é outra questão, esta merece à atenção de quem trabalha na educação. De acordo com Piazzzi:

O que torna o sistema educacional brasileiro tão catastrófico (é um dos piores do mundo) é o fato de a maioria das escolas serem ineficientemente burocratizadas, não se preocupam em ensinar seus alunos a realmente aprender, ou seja, em armazenar o conhecimento de forma permanente (PIAZZI, 2008, p.30-31).

O que acontece é que a maioria dos alunos no Brasil não possui o hábito de estudar. Como vimos anteriormente, é necessário estudar sozinho, dessa maneira, a aprendizagem torna-se consistente, e o cérebro entenda que o conteúdo é relevante e necessita ser guardado de forma permanente.

Em vez de estudar os conteúdos trabalhados na sala de aula logo após, a maioria dos alunos opta por estudar o mais próximo possível da realização da prova, alegando que é para não dar tempo de esquecer.

Com esse mecanismo os alunos conseguem até uma boa nota na prova. Ao estudar desta maneira as informações ficam guardadas por algum tempo na sua memória provisória, “assim que as utiliza na prova, garantindo a nota, as esquece” (GUERRA, 2011.p. 6).

Tudo isso acontece porque não há uma compreensão por parte de todos os envolvidos no sistema de ensino, sobre a necessidade de novas práticas pedagógicas nas escolas, mas, desde que elas venham acompanhadas com o incentivo aos alunos sobre dedicar um pouco do seu tempo estudando para aprender, e não apenas para tirar boas notas. É preciso entender que o tempo que o aluno passa na escola é importante, mas não é suficiente. Para Piazzzi:

Um dos grandes, gigantescos e absurdos equívocos cometidos no sistema escolar brasileiro é causado por uma armadilha linguística: achar que o “ASSISTIR À AULA” e o “ESTUDAR” sejam a mesma coisa! (PIAZZI, 2009, p. 98).

Na escola, o aluno vai para ser estimulado para entender o conteúdo, mas, é estudando sozinho que ele fortalece as sinapses estabelecidas.

Diante do exposto, fica evidente a necessidade de mudanças na realidade do sistema educacional do Brasil. Segundo professor Piazzzi essa mudança é possível:

E a boa notícia é que, não só não é difícil, como também é possível reformularmos completamente o nosso sistema educacional em curtíssimo prazo. [...] É só parar de procurar, desvairadamente, *novas* maneiras de ensinar e utilizar *eficientes* maneiras de aprender (PIAZZI, 2009, p. 23).

Assim, com foco em uma educação de qualidade deve-se propor aos alunos formas eficientes de aprender, e para isso, é necessário entender que tirar boas notas não é sinônimo de aprendizagem, nem deve ser o objetivo do cotidiano escolar.

Recebemos muitas informações ao longo do dia, mas armazenamos pouco conhecimento em nosso cérebro. Para a eficácia da educação, um dos seus propósitos deve ser a colaboração para o aluno aprender, ou seja, a desenvolver o hábito de estudar logo após a aula, para guardar na memória de longo prazo, e não apenas para tirar boas notas.

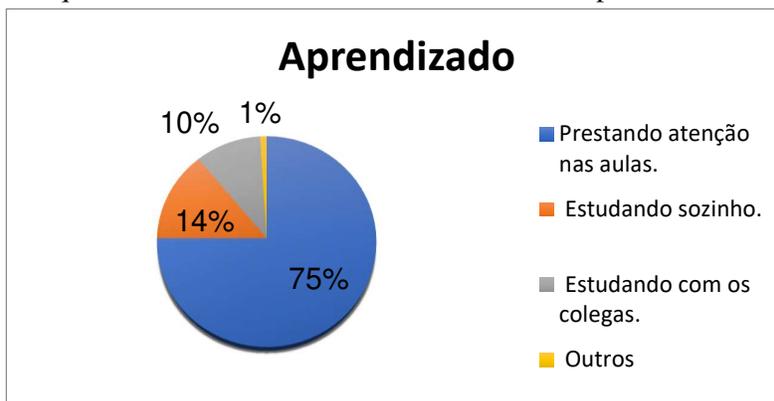
Acreditamos que este possa ser um dos motivos de desinteresse escolar dos alunos do Ensino Médio, a não funcionalidade para a vida prática em relação aos conteúdos ministrados na escola. A educação precisa fazer sentido na vida dos estudantes, e a sua finalidade deve ser essa, colaborar para que o aluno aprenda, mesmo diante de tantas dificuldades enfrentadas pela escola.

É necessário encontrar maneiras de motivar o aluno a estudar para obter uma aprendizagem consistente, pois ao fazer isso, tirar boas notas será consequência do processo e não o motivo principal. Tudo isso, fará com que o aluno além de ter sucesso na escola, se sinta motivado, pois a escola fará sentido e trará mudanças em sua vida.

Ao se tornar mais inteligente, novas oportunidades surgirão em sua vida dos estudantes, pois temos um mercado de trabalho muito competitivo e cheio de pessoas com diplomas, mas que não possuem conhecimentos adequando para ocupar os cargos.

Vivemos em um mundo com um grande crescimento populacional, e que precisa de cada vez menos mão de obra humana, já que esta tem sido substituída pela tecnologia. Neste sentido, ao colaborar com o aprendizado eficaz do aluno a partir da proposta apresentada, a escola proporcionará mais oportunidades para a vida do estudante, pois este entrará na competitividade do mercado de trabalho com o diferencial de possuir um conhecimento funcional aplicável a qualquer contexto.

Gráfico 15: De que maneira você acredita ser mais eficaz o aprendizado:



FONTE: Dados obtidos pela autora, 2018.

Interessados em saber a forma como os alunos entendem o que aprendem, perguntamos a eles de que maneira acreditam ser mais eficaz o aprendizado?

A maior parte dos alunos, 75%, acredita aprender melhor prestando atenção nas aulas. Já 14% apontam aprender estudando sozinho, 10% estudando com os colegas e 1% respondeu sobre a existência de outras formas de aprender, interagindo com os professores e os colegas, em aulas dinâmicas com participação dos alunos, são alguns dos exemplos citados por eles.

Curiosamente, apesar de um número elevado de alunos, 76% afirmaram se distrair no momento da aula, quase a mesma quantidade, 75%, acredita ser prestando atenção nas aulas a forma mais eficaz de aprender.

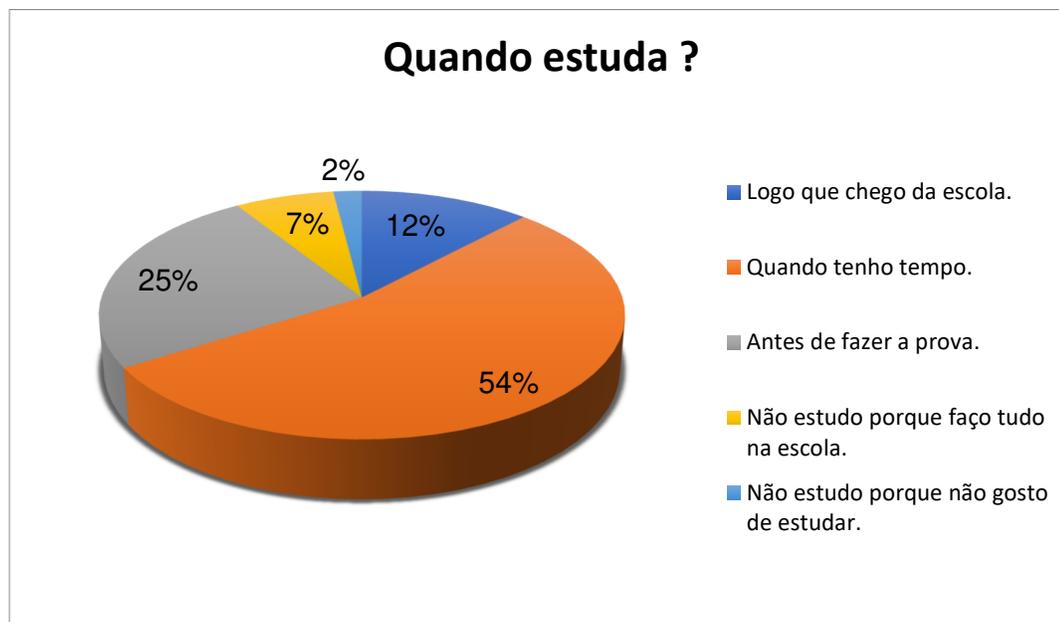
Sobre a melhor forma de aprender o professor Piazzzi nos ajuda entender:

No Brasil, infelizmente, criou-se uma cultura estranha que focaliza aprendizagem na sala de aula.
Isso é um equívoco.
Na aula você não aprende...
Na aula você entende
Você só consegue aprender de verdade quando estiver sozinho!
[...]
Por incrível que possa parecer, é mais importante o tempo que você passa estudando sozinho do que aquele que passa assistindo às aulas! (PIAZZI, 2008, p.55).

Neste sentido, as aulas assistidas pelos discentes na escola são importantes, porém não são suficientes para uma boa aprendizagem. É necessário associarmos as aulas assistidas a um bom momento de estudo, o aluno precisa dedicar um tempo do seu dia para estudar os conteúdos vistos na escola.

Pensando nisso, fizemos aos discentes pesquisados as seguintes questões: Quando e Quanto estuda?

Gráfico 16: Quando você estuda os conteúdos trabalhados na escola?



FONTE: Dados obtidos pela autora, 2018.

Sobre quando estudar para aprender melhor Piazzi afirma:

Estudo não é questão de quantidade, mas de qualidade.

Você não deve estudar mais, deve estudar melhor.

Quando?

A resposta é “pouco... mas todo dia”!

Assim, as aulas do dia devem ser estudadas no mesmo dia, antes que se passe uma noite de sono! (PIAZZI, 2008, p. 42-43).

Baseando suas idéias nas descobertas da neurociência, na forma como o indivíduo aprende, o professor Piazzi em sua coleção sobre neuropedagogia explica que o aluno para aprender de verdade não deve estudar na véspera das provas, pois, fazendo isso a aprendizagem será apenas provisória. Para o aprendizado torna-se permanente o aluno deve estudar logo após a aula.

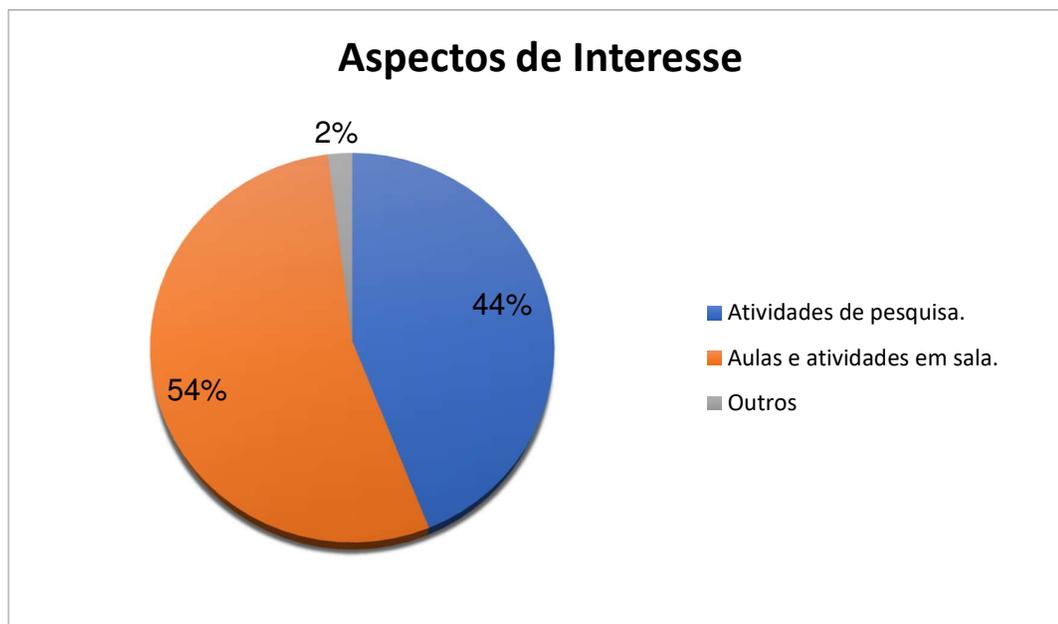
O conceito de como ocorre o processo da aprendizagem não é bem esse no cotidiano escolar. Para os alunos o tempo que passam na escola é suficiente para que aprendam. E para a escola o aluno que tira boas notas é um aluno de sucesso.

Segundo Piazzi, o cotidiano escolar é marcado por uma aprendizagem focada em “estudar para as provas, para tirar boas notas e passar de ano. Passar de ano para tirar um diploma” (PIAZZI, 2008, p.22).

O autor aponta que essa não é a condição suficiente para que a aprendizagem aconteça. Estudando assim, somente para ir bem na prova, o aluno retém o conhecimento na memória de curto prazo apenas o tempo de fazer a prova, assim que essa é realizada esse conhecimento é descartado pelo cérebro. “O esquema, portanto, consiste em estudar em cima da hora, colocar as informações no cérebro de forma absurdamente instável, fazer a prova e, logo em seguida, esquecer tudo.” (PIAZZI, 2008, p.28).

O resultado desta pesquisa mostra isso, apenas 12% dos alunos estudam logo ao chegarem da escola, 54% estudam quanto tem tempo, 25% estudam antes de fazer a prova, 7% não estudam porque acreditam já ter feito o suficiente na escola, 2% não estudam porque não gostam de estudar.

Gráfico 19: Qual aspecto te deixa mais interessado?



FONTE: Dados obtidos pela autora, 2018.

Questionados quanto quais aspectos os deixam mais interessados em aprender, 18% dos discentes afirmaram ser a atividade de pesquisa, 23% disseram que são interessados pelas aulas e as atividades feitas na sala de aula. Já a maioria, 59%, declara serem outros os seus aspectos de interesse e cita a inovação nas aulas, fazer slides e nas atividades práticas e orais. Alguns ainda dizem que não possuem nenhum interesse pelo que é oferecido pela escola.

A sala de aula é um ambiente propício a aprendizagem, porém, para que esta aconteça precisamos considerar os discentes enquanto pessoas com características e interesses diferentes e por isso, a escola deve considerar as multiplicidades existentes neste ambiente.

Assim, a escola deve oferecer condições a seus alunos para desenvolver a sua inteligência. Antunes (1998), apresenta a proposta de Howard Gardner (1995) , a Teoria das Inteligências Múltiplas, em que a escola para promover uma boa educação deve respeitar as diferenças existentes entre as pessoas, as suas múltiplas e variadas maneiras de aprender e os diversos modos pelos quais elas podem ser avaliadas, levando em consideração a sua competência em resolver problemas perante os estímulos que o ambiente apresenta.

Segundo Antunes, são sete as inteligências múltiplas:

- Lógico-matemática: pessoas que desenvolvem mais facilmente habilidades em matemática e em raciocínios lógico-dedutivos, cientistas possuem esta característica.
- Linguística: indivíduos com amplas habilidades em escrita, leitura e em aprender idiomas, é predominante em poetas e escritores.
- Espacial: é a capacidade de formar um modelo mental de um mundo espacial e de ser capaz de manobrar e operar utilizando esse modelo. É característica de arquitetos e escultores.
- Físico-sinestésica: são as pessoas que tem grande aptidão para controlar os movimentos do corpo, atores e aqueles que praticam dança têm essas características.
- Interpessoal: habilidade de entender intenções, motivações e desejos dos outros, encontra-se mais desenvolvida em políticos, religiosos e professores.
- Intrapessoal: refere-se às pessoas que tem a capacidade de entender a si mesmo, como psicoterapeutas e escritores.
- Musical: estão em pessoas que possuem grande aptidão para tocar instrumentos, compor e executar produções musicais, estão englobados compositores, maestros e críticos da música (ANTUNES, 1998, p.42-43).

Neste sentido, o objetivo da escola deve ser o de colaborar para o educando desenvolver essas inteligências. Propor atividades motivacionais para os discentes, considerando que nem todos eles possuem os mesmos interesses e habilidades, nem aprendem da mesma maneira.

Gráfico 11: Gosta de ler?



FONTE: Dados obtidos pela autora, 2018.

Outra questão foi sobre quanto ao gosto pela leitura e a quantidade de livros lidos pelos alunos durante o ano, 42% dos alunos responderam que sim, gostam de ler. 26% não gostam e 32% gostam um pouco.

A leitura é importante no processo de aprendizado, pois é por meio dela que as pessoas podem ter contato com o conhecimento, com as idéias de outras pessoas. Segundo Sabino:

A leitura reflexiva permite ampliar conhecimentos e adquirir novos conhecimentos gerais e específicos, possibilitando a ascensão de quem lê a níveis mais elevados de desempenho cognitivo, como a aplicação de conhecimentos a novas situações, a análise e a crítica de textos, actos e factos e a síntese de estudos realizados. Com a leitura reflexiva, o leitor desperta para novos aspectos da vida em que ainda não tinha pensado, desperta para o mundo real e para o entendimento do outro ser. Assim os seus horizontes perceptuais são ampliados. A comunicação oral e/ou escrita adquire maior fluência através da prática da leitura reflexiva. O leitor torna-se progressivamente mais capacitado para se autonomizar cultural e civicamente (SABINO, 2008, p.2).

3 Considerações finais

Foi possível perceber nos alunos matriculados na unidade de ensino pesquisada, os que possuem um projeto para sua vida a ser alcançado se empenham e aproveitam as oportunidades oferecidas pela escola como forma de alcançar suas metas. Já quem não possui um plano para a vida, no qual a educação não é o meio de conquistá-lo, não se sente motivado a se empenhar nas atividades oferecidas pela escola para se desenvolver cognitivamente, neste sentido consideramos que não possuir um projeto de vida é um dos fatores encontrados por esta pesquisa para que os jovens estejam desinteressados pelos estudos.

A forma como é conduzido o aprendizado na escola também se mostrou como sendo um dos fatores de desinteresse dos alunos pelo aprendizado escolar. A maioria dos alunos não possui o hábito de estudar, dificultando assim a efetivação da sua aprendizagem. Quando percebem que não estão aprendendo, e por isso não vêem suas vidas mudarem se sentem desmotivados a se empenharem na escola.

Percebemos também que o jovem do século XXI encontra-se em posição vantajosa tanto para o acesso dos bens de consumo quanto para o conhecimento. Assim sendo, os baixos níveis de rendimento escolar e a grande evasão se dão pelo não esforço mínimo em desempenhar uma atividade de longo prazo.

O imediatismo é matéria de primeira ordem e os jovens não conseguem entender que o estudo é um investimento duradouro, e esse caráter de tudo ser imediato reflete no campo de trabalho, pois estes jovens muitas das vezes sem qualificação encontram somente postos de trabalho, no qual o esforço físico é mais necessário que o mental, em detrimento disso abandona facilmente qualquer colocação que não corresponda a sua visão de mundo.

Assim sendo, essa pesquisa não se encerra nesse viés de análise, as possibilidades são diversas, pois, as mudanças estão ocorrendo e as visões para os processos de ensino e aprendizagem dos jovens são passíveis de outras análises que comunguem na busca de entender as desmotivações para apostar nas mudanças de vida a partir do estudo.

Referências

- ANTUNES, C. **Inteligências múltiplas e seus estímulos**. Campinas, SP: Papirus Editora, 1998.
- GUERRA, L. B. O diálogo entre a neurociência e a educação: da euforia aos desafios e possibilidades. **Revista Interlocução**, v. 4, n. 4, p. 3-12, 2011.
- HOUZEL, S. H. **Neurociências na Educação**. Belo Horizonte, MG: Editora Cedic, 2010.
- HOUZEL, S. H. **O Cérebro nosso de cada dia**: descobertas da neurociência sobre ávida cotidiana. Rio de Janeiro: Vieira & Lent, 2002.
- INEP. **Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira**. Ministério da Educação. Disponível em: <<http://portal.inep.gov.br/acoes-internacionais/pisa/resultados>>. Acesso em: 18 mar. 2019.
- SABINO, M. M. do C. Importância educacional da leitura e estratégias para a sua promoção. **Revista iberoamericana de educación**, v. 45, n. 5, p. 1-11, 2008.